

sua vez, alude ao desejo e à atração sexual dirigidos a pessoas independentemente do gênero e do sexo/corpo, ou seja, os sujeitos sustentam que não há, de início, um desejo pré-orientado, e redefinem seus valores para vivenciar diversas interações afetivo-sexuais.

Sobre esse questionamento radical da categoria da diferença sexual, Paul Preciado (2019a) observa que a epistemologia binária e hierárquica está em crise desde os anos 40 do século XX, tanto pelo questionamento dos movimentos quanto pelo desenvolvimento de novos dados científicos. Indícios de uma mutação para uma nova epistemologia seriam as mudanças no âmbito das sexualidades, das representações e identidades de gênero, das relações amorosas, das parentalidades e configurações familiares (Almira Rodrigues & Carolina Campos, 2021).

Entre outras singularidades e possibilidades, podemos pensar que as pessoas que vivenciam a não binariedade e a pansexualidade buscam desconstruir conteúdos previamente associados aos corpos. Elas, eles e *elus* estão experimentando identidades e desejos próprios, contingentes, migrantes, plurais, e enfrentando dogmas e tradições de seu tempo; estão abrindo espaços para se subjetivar de forma mais livre, autônoma e criativa, e paralelamente reivindicando reconhecimento social. Cabe à psicanálise e aos psicanalistas o desafio de escutar com abertura e sem preconceitos essas pessoas que procuram ser si mesmas, bem como dialogar com sujeitos coletivos e com outras disciplinas do conhecimento, visando ampliar horizontes e sua função social.

Referências

- Ayouch, T. (2015). Da transexualidade às transidentidades: psicanálise e gêneros plurais. *Percurso*, 54, 23-32. <https://bit.ly/3WfUdYr>
- Bulamah, L. C. & Kupermann, D. (2016). A psicanálise e a clínica de pacientes transexuais. *Periódicus*, 1(5), 73-86. <https://doi.org/jjnc>

- Butler, J. (2019). Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. Em H. B. Hollanda (org.), *Pensamento feminista: conceitos fundamentais* (pp. 213-230). Bazar do Tempo. (Trabalho original publicado em 1998)
- Cunha, E. L. (2016). A psicanálise e o perigo trans (ou: por que psicanalistas têm medo de travestis?). *Periódicus*, 1(5), 7-22. <https://doi.org/jjnd>
- Cunha, E. L. (2021). *O que aprender com as transidentidades: psicanálise, gênero e política*. Criação Humana.
- Freud, S. (2011). O eu e o id. Em S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., vol. 16, pp. 13-74). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Em S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., vol. 6, pp. 13-172). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905)
- Gloer Fiorini, L. (2017). Alteridad y diferencia(s). *Psicanálise: Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, 19(2), 95-108.
- Preciado, P. B. (2019a). Um apartamento em Urano (C. Q. Kushnir & P. S. Souza Jr., trad.). *Lacuna: Uma Revista de Psicanálise*, 8, 12. <https://bit.ly/3FqYsun>
- Preciado, P. B. (2019b). Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. Em H. B. Hollanda (org.), *Pensamento feminista: conceitos fundamentais* (pp. 421-430). Bazar do Tempo. (Trabalho original publicado em 2003)
- Rodrigues, A. C. C. (2019-2020). Psicanálise, despatologização e subjetivação: corpos, sexualidades e gêneros. *Alter: Revista de Estudos Psicanalíticos*, 36(1-2), 181-200. <https://bit.ly/3TN8RVC>
- Rodrigues, A. C. C. & Campos, C. P. S. (2021). Subjetividades contemporâneas: sexualidades, gêneros, parentalidades, famílias. *Bergasse 19: Revista de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto*, 11(1), 102-115.
- Salih, S. (2015). *Judith Butler e a teoria queer* (G. L. Louro, trad.). Autêntica.
- Sampaio, J., Cerqueira, S. & Barros, D. M. (2021, 25 de junho). Nem ele nem ela: os não binários ganham espaço e voz na sociedade. Veja. <https://bit.ly/3zu3jXX>
- Stona, J. & Ferrari, A. G. (2020). Transfobias psicanalíticas. *Revista Subjetividades*, 20(1). <https://doi.org/jjnf>

Calibán -
RLP, 21(1),
157-159
2023

Mariana Pombo*

Mutação da diferença sexual: Mutações da psicanálise?

*Hoje, para vocês psicanalistas, é mais importante escutar as vozes dos corpos excluídos pelo regime patriarco-colonial que reler Freud e Lacan. [...] Chegou a hora de tirar os divãs do lugar e de coletivizar a palavra, de politizar os corpos, de desbinarizar a sexualidade e de descolonizar o inconsciente.*¹.
Preciado, 2020

A frase acima, que nos provoca e convoca, é do filósofo queer Paul B. Preciado (2020, p. 23), que, após realizar, em 2019, uma famosa conferência na École de la Cause Freudienne, publicou um livro com o texto completo de sua fala, endereçado diretamente a nós, psicanalistas, com o título traduzido *Eu sou o monstro que vos fala*. Pelo título, já se antecipa a denúncia do autor: muitos psicanalistas, por ainda compreenderem os variados processos de subjetivação e sexuação tendo como referência a “jaula” da diferença sexual, acabam aprisionando pessoas trans e não binárias, como ele, em outra jaula, a da monstruosidade.

Tanto a conferência como o livro de Preciado têm grande importância no campo de críticas e denúncias feitas à psicanálise pelos estudos feministas, de gênero e *queer*, mas não inauguram esse campo. Muito pelo contrário, antes dele, outras autoras, como Gayle Rubin (1975/2017), Judith Butler (1990/2013; 1993/2019) e Luce Irigaray (1977/2017), para citar apenas três, já apontavam marcas patriar-

cais, coloniais e cisheteronormativas na teoria psicanalítica, sobretudo em Freud e em Lacan.

A centralidade do falo e do complexo de Édipo para a compreensão dos sujeitos e de suas identificações e sexualidades; os pares binários e hierárquicos homem x mulher, masculino x feminino, função paterna x função materna; as representações do feminino (seja como falta na noção freudiana de inveja do pênis, seja como excesso, no gozo não todo fálico concebido por Lacan) são alguns dos pontos criticados pelos estudiosos *queer* e feministas por reafirmarem relações e posições relativas a sexo e gênero inscritas em uma época histórica específica (patriarcal e machista) e já em franco processo de transformação. Daí, inclusive, Preciado (2020) chamar a psicanálise de ciência do inconsciente patriarco-colonial ou de teoria do inconsciente da diferença sexual.

Ao afirmar que a psicanálise é uma teoria do inconsciente da diferença sexual, Preciado traz à tona um alerta fundamental: o de que a psicanálise, de modo majoritário, continua tratando a diferença sexual, ou seja, a divisão binária e hierárquica entre os sexos feminino e masculino, como um *sine qua non* da subjetivação, da alteridade e do pensamento – como defende, por exemplo, Françoise Héritier (1996) –, como uma estrutura universal, a-histórica e, portanto, imutável. Ou ainda, nos ter-

* Psicanalista, membro do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos (Rio de Janeiro) e professora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

mos críticos do psicanalista Thamy Ayouch (2019), como “bússola do sexo”, isto é, como um operador psíquico atemporal, articulado frequentemente a uma suposta evidência anatômica.

O alerta é fundamental, porque expressa a preocupação, política e clínica, com os efeitos violentos e patologizantes, sobre os sujeitos dissidentes sexuais e de gênero, de discursos que sustentam a epistemologia da diferença sexual como ferramenta teórica imperativa e inalterável da psicanálise. Se o falo, o Nome-do-pai, o Édipo são tidos como normas (heterossexuais, binárias, patriarcais) de subjetivação indispensáveis, que conduziriam a posições definitivas de identificação e desejo, quem não se conforma ou transgride essas normas, quem não assume as posições sexuais “previstas”, é considerado como abjeto, não humano.

Se, ao contrário, a diferença sexual for compreendida como epistemologia, paradigma ou dispositivo histórico, no sentido que Foucault (1976/2013) imprime à noção de dispositivo de sexualidade, podemos enfocar a sua dimensão de contingência ou de performatividade (Butler, 1990/2013) – de tanto performarmos masculinidade e feminilidade, produzimos a ficção de que existem dois gêneros e dois sexos com atributos específicos. E podemos, sobretudo, acolher a possibilidade, e mesmo a necessidade, de essa epistemologia mudar.

Para Preciado (2008/2018; 2020), a mutação da diferença sexual já está ocorrendo desde os anos 1950, acompanhando as transformações dos corpos, das práticas sexuais, do gênero, da reprodução e do exercício da parentalidade, que evidenciam a insuficiência do quadro epistemológico binário. Desse modo, enquanto Thomas Laqueur (1992/2001) localiza nos séculos XVIII e XIX a passagem de um regime do sexo único ao paradigma da diferença sexual – quando, pela primeira vez, foi estabelecida a existência de dois sexos com diferenças irreduzíveis entre

eles –, Preciado vislumbra, hoje, o horizonte de uma nova transição, dessa vez em direção a uma epistemologia não binária, multiforme, na qual a diferença sexual perca o posto de “a diferença das diferenças” e abra espaço para uma multiplicidade de diferenças.

Além de sinalizar a mutação em curso, Preciado (2020) faz um convite *queer* à psicanálise: que, em vez de só relemos os “pais da psicanálise”, escutemos os mutantes, os monstros, para nos engajarmos em uma mutação da psicanálise à altura das transformações da cultura e dos sujeitos. Ou seja, em vez de recorrermos a categorias psicanalíticas historicamente datadas para enquadrar as dissidências sexuais e de gênero, ou para redefinir o que é diferença sexual, trata-se de trabalharmos no sentido inverso. É imprescindível ouvir as dissidências, acolher as provocações e as exigências de renovação que as novas experiências colocam e, então, questionar e repensar ferramentas teóricas reducionistas e patologizantes da psicanálise.

Esse trabalho inverso, de autocrítica e desconstrução, que Preciado nomeia de mutação da psicanálise, se aproxima do que Ayouch (2019) define como hibridação da psicanálise: uma psicanálise hibridada é uma psicanálise em conexão tanto com sua época histórica, como com outros discursos, sobretudo com os saberes minoritários (*queer*, trans, decoloniais, etc.) e, por isso, uma psicanálise em transformação permanente. “Portanto, a ‘diferença dos sexos’, que muitos/as analistas reivindicam como o começo e o fim da subjetivação, coloca-se como algo a questionar, redefinir, esclarecer e inscrever-se nas formações discursivas de cada época” (p. 17).

Apontando também para esse trabalho de desconstrução e entendendo a diferença sexual como uma formação do inconsciente – no sentido de que o assujeitamento à ordem sexuada mergulha suas raízes no inconsciente –, a psicanalista Sabine Prokhoris (2000) defende que a diferença sexual pode ser desfeita, como um sintoma. Sua propos-

ta é a de que, no lugar da diferença dos sexos, coloquemos em funcionamento outro dispositivo de sexualidade, o da vizinhança dos sexos, que dissolve as linhas de divisão definitiva entre mulher e homem e valoriza o sexual, entendido como potência intensiva, perverso-polimorfa (no sentido freudiano dos *Três ensaios*), fora de qualquer estruturação prévia. Nesse dispositivo, a experiência analítica pode oferecer um espaço que permita ao paciente revisar e renovar suas normas de existência, tornando-se ocasião para que sejam desfeitos os nós inconscientes que ordenam a sexuação de acordo com a diferença sexual e sejam inventadas novas lógicas e linguagens para a sexualidade¹.

Aliás, a própria Butler (1997/2017; 2004/2012) aposta no inconsciente e na pulsão como conceitos potentes que abrem para improvisações e deslocamentos dentro do campo normativo e, assim, para a possibilidade de novas identificações e devires. Nessa mesma direção, Ayouch (2015) afirma que as formações do inconsciente indicam a hibridez e a fluidez do próprio psiquismo, que podem dissolver rigidezes em novos movimentos identificatórios. Desse modo, o engajamento dos psicanalistas na mutação da psicanálise, se abrindo a novas identificações com os saberes e modos de subjetivação minoritários, pode conduzir a experiências analíticas potentes, que favoreçam, elas também, o questionamento e a ressignificação das normas de gênero, em direção ao singular e a movimentos identificatórios inesperados – ou ainda, para retomar a citação de Preciado do início deste texto, à desbinarização da sexualidade e à descolonização do inconsciente.

Referências

- Ayouch, T. (2015). *Psicanálise e homossexualidades: Teoria, clínica, biopolítica*. CVR.
- Ayouch, T. (2019). *Psicanálise e hibridez: Gênero, colonialidade, subjetivações*. Calligraphie.
- Butler, J. (2012). *Deshacer el género*. Paidós. (Trabalho original publicado em 2004).
- Butler, J. (2013). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão de identidade*. Civilização Brasileira. (Trabalho original publicado em 1990).
- Butler, J. (2017). *A vida psíquica do poder: Teorias da sujeição*. Autêntica. (Trabalho original publicado em 1997).
- Butler, J. (2019). *Corpos que importam: Os limites discursivos do “sexo”*. N-1. (Trabalho original publicado em 1993).
- Foucault, M. (2013). *História da sexualidade 1: A vontade de saber*. Graal. (Trabalho original publicado em 1976).
- Freud, S. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, (vol. 7, pp. 119-229). Imago. (Trabalho original publicado em 1905).
- Héritier, F. (1996). *Masculin/Féminin I: La pensée de la différence*. Odile Jacob.
- Irigaray, L. (2017). *Este sexo que não é só um sexo*. Senac. (Trabalho original publicado em 1977).
- Laqueur, T. (2001). *Inventando o sexo: Corpo e gênero dos gregos a Freud*. Relume Dumará. (Trabalho original publicado em 1992).
- Pombo, M. (2021). *A diferença sexual em mutação: Subversões queer e psicanalíticas*. Calligraphie.
- Preciado, P. B. (2018). *Testo junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. N-1. (Trabalho original publicado em 2008).
- Preciado, P. B. (2020). *Je suis un monstre qui vous parle*. Grasset.
- Prokhoris, S. (2000). *Le sexe prescrit: La différence sexuelle en question*. Flammarion.
- Rubin, G. (2017). O tráfico de mulheres. Em G. Rubin, *Políticas do sexo*. Ubu. (Trabalho original publicado em 1975).

1. Para um aprofundamento dessa e outras possibilidades subversivas propostas pela psicanálise, e também pela teoria *queer*, conferir Pombo (2021).